

BELCHIOR

“Quero é deflagrar polêmica e discussão com minha música”

IRLAM ROCHA LIMA

Nada mais antagônico que a imagem projetada por Belchior no palco e a que se consegue vislumbrar durante um bate-papo. Enquanto o cantor é uma figura meio desengonçada (dá a nítida impressão que está fazendo gênero) e até estranha diante da platéia, o artista, o criador é possuidor de enorme sensibilidade, da aguçada lucidez e coerência em relação ao trabalho que realiza.

Mas, ao encerrar a conversa (que resultou na entrevista que se segue) ficou uma outra certeza: foi estabelecido um contato com uma pessoa cordial, gentil, rara nos dias que correm.

CB - Belchior houve, inicialmente, uma intenção de se formar o "grupo cearense" na Música Popular Brasileira, a partir da descoberta do "Sul Maravilha" por você, Fagner, Ednardo?

B - Olha, esse agrupamento de pessoas que fazia música, teatro, cinema e outras artes, pessoas que criavam, já acontecia quando todos ainda estavam em Fortaleza. Entre 66 e 70 a gente se encontrava quase que diariamente no Bar do Anísio, que hoje é um ponto chique da cidade, mas que naquela época era um lugar marginal. A gente preferia se encontrar ali pela liberdade de poder tocar violão, cantar, discutir em voz alta e ficar por lá madrugada a dentro. Fui um dos últimos a chegar ao Bar do Anísio, pois estudava Filosofia num colégio de padres. Junto comigo chegaram Fagner e Jorge Melo, que veio do Piauí. Lá já encontramos Ednardo, Teti, Augusto Pontes, Petrucio e outros amigos que hoje são médicos, engenheiros, agrônomos, mas que naquela época também faziam arte. O que a gente estava criando mostrávamos, também num programa que tinha na tv Ceará, aberto à todas as manifestações artísticas. Quando nos encontramos depois no Rio e em São Paulo, a transação já era outra. Não houve, portanto, a intenção de formar no Sul um grupo cearense na MPB.

CB - Você foi um dos primeiros desta geração de artistas cearenses a bater asas e voar, não foi?

B - Na verdade eu fui o primeiro a sair. Cheguei ao Rio sem conhecer o espaço físico da cidade, as pessoas; sem documento, sem saber onde morar, sem ter uma colocação e realizando, para a época, um trabalho marginal; mas não querendo fazer concessão para dentro desta marginalidade, mostrar um trabalho íntegro.

CB - Soube - se da existência de Belchior, em termos nacionais, no universo da Música Popular Brasileira, quando sua música Na Hora do Almoço venceu o Festival Universitário, promovido pela TV - Tupi. Isso foi importante?

B - Como eu estava dizendo, vivia uma fase de desencontro, miséria, desespero no Rio de Janeiro. Com a ajuda de Lúcio Alves, Manoel Carlos e Cidinha Campos, me inscrevi no Festival Universitário da Tupi. Comecei então a realizar um trabalho pioneiro, de desbravamento, um trabalho com temática nordestina, mas com qualidades inequívocas de uma coisa moderna. Com Na Hora do Almoço revelei um novo Nordeste, sem aquela imagem folclórica firmada em parâmetros culturais envelhecidos. Um Nordeste que deixava de olhar da cozinha e passava a ver as coisas do alpendre. Era o primeiro momento de afirmação no espaço cultural do eixo Rio - São Paulo. Era um posicionamento radical pois apresentava uma nova linguagem do Nordeste que podia ser também nacional e universal. E foi criada uma grande polêmica em torno disso.

CB - Mesmo vencendo o Festival Universitário e recebendo

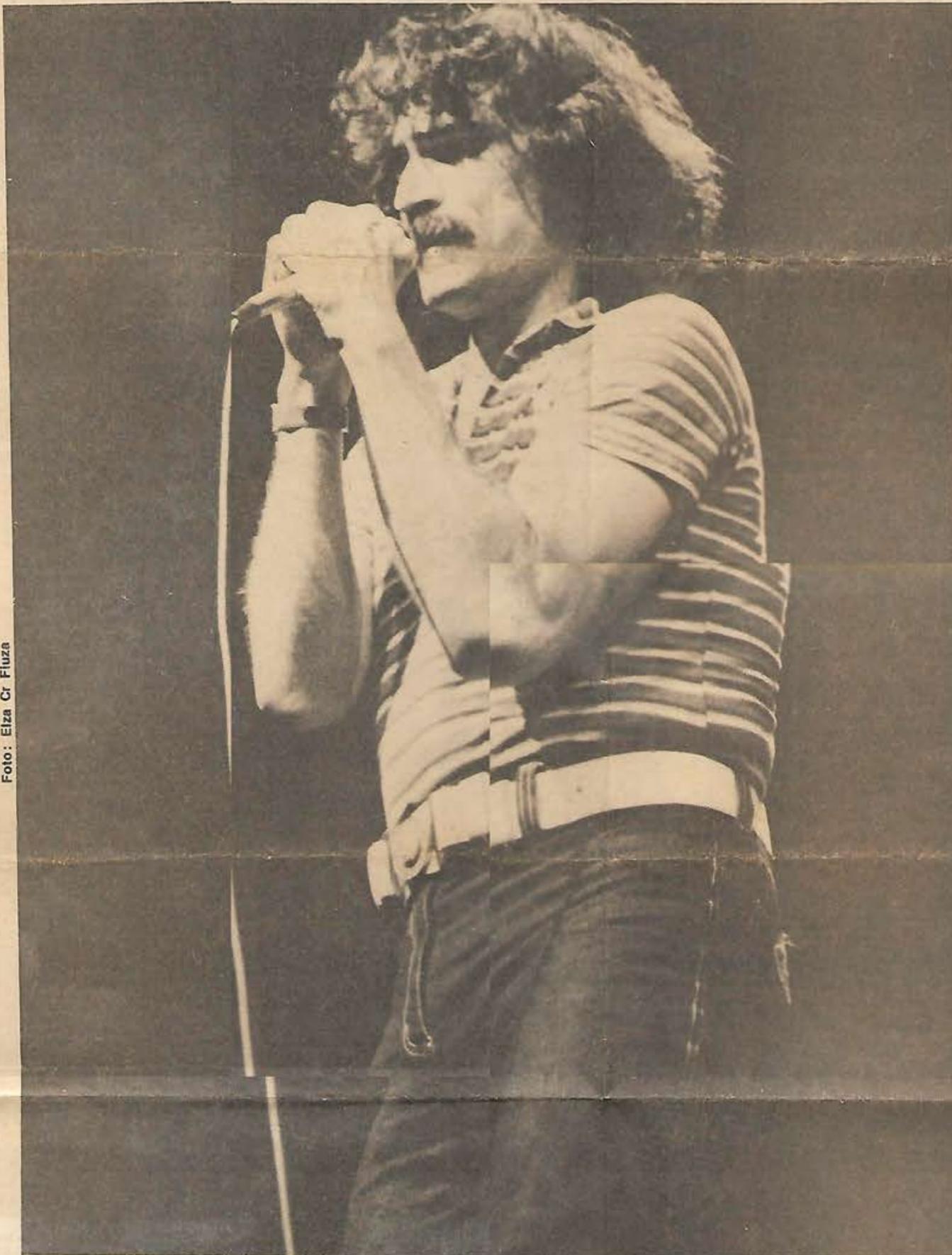


Foto: Elza Cr. Fluzza

conseguiu projeção imediata. Quais as causas?

B - Realmente, o fato de vencer o Festival Universitário serviu, inicialmente, apenas para firmar um trabalho novo na MPB. Embora esperasse, não recebi convites para gravar ou realizar shows, apresentação em televisão, essas coisas. Houve algumas propostas, mas para desenvolver algo semelhante ao que já faziam Roberto Carlos e Luiz Gonzaga. De pronto rejeitei. Passei então a fazer apresentações em subúrbio, colégios, universidades e trilha sonora pra cinema. Mudei para São Paulo onde novamente convivi com a miséria. Mas toda esta base foi muito importante para o trabalho que desenvolvo hoje.

CB - Até que gravasse A Palo Seco, seu primeiro disco, demorou um pouco, não é?

B - Quatro anos depois de chegar ao Sul e que gravei A Palo Seco, um disco, que, infelizmente, não foi bem entendido, embora eu tenha consciência de sua importância, principalmente em razão de apresentar uma nova proposta de nordestinidade. Uma proposta de nível de poesia concreta. E era uma contribuição do que havia de mais vanguardista. Aquilo que a gente fazia no Ceará, mas que não era notado, porque não estava nas vitrines do eixo Rio -

CB - Com Alucinação e reconhecimento público, mas também início de discussão e polêmica em torno do seu trabalho.

B - Isso mesmo Alucinação surgiu oito anos depois do meu trabalho iniciado. Depois de oito anos de intensa participação na música nordestina e nacional. Entrei então na rotina criativa, agora definitivamente. Alucinação não foi um sucesso estático. Foi polêmico. Fez voltar os olhos das pessoas para uma coisa nova que estava surgindo, mobilizou a opinião pública, gerou amor e ódio. E era essa a intenção, pois nunca pretendi fazer um trabalho de aceitação unânime. Quero é deflagrar as grandes contradições, estabelecer a discussão. Aberto o espaço quero é que o trabalho vibre, ressoe. Caso contrário a criação artística perde seu vigor e deixa de ser estimulante diante do público.

CB - Os discos que se seguiram ao Alucinação não tiveram a mesma aceitação, principalmente por parte da crítica, que o acusa de ter entrado no jogo comercial de sua nova gravadora.

B - Esta acusação é proveniente de pessoas que esperavam uma repetição do trabalho. Não sou uma máquina repetidora. Com o estabelecimento do disco

linguagem. Coração Selvagem, o disco mais acusado, tem algumas das minhas melhores composições. Seis delas podiam figurar entre as melhores do cancionário nacional. Já o Era Uma Vez Um Homem e Seu Tempo, o novo elepê, não deixa nenhuma, dúvida a respeito de um projeto criativo de minha pessoa como artista. É extremamente responsável, elaborado e requintadamente simples. A linguagem musical do meu tempo está perfeitamente posta. É uma coisa visível. No corpo da letra há um procedimento criativo bastante moderno, dentro de uma montagem tipográfica. Há todo um cuidado com a feitura das letras. É o primeiro disco da minha maturidade estética. No mais, não quero cultivar o anonimato para ser procurado. Quero é ser achado. Por isso estou na TV, no rádio, no jornal, gerando polêmica, estabelecendo discussões, através da mostragem do meu trabalho.

CB - Houve um momento em que a imprensa passou a noticiar com frequência um desentendimento entre cearenses e baianos notáveis da MPB. Mas, parece que hoje os tempos são outros. Neste seu novo disco, há uma faixa, Medo de Avião nº 2, que você divide a parceria com Gilberto Gil.

B - Acredito que Alucinação foi o primeiro momento de

Primeira tentativa de repret o que se tinha feito. Foi uma postura muito forte e pare agressão ao trabalho de Gil Caetano, quando na verdade não foi esta a intenção. Eu podia ser mesmo porque re influência dos dois. Houve em aquele lenga-lenga estabelecido a nível público. Mas eles sabem que aquilo não era verdade, tinham conhecimento do conteúdo do disco. Caetano assistiu a gravação na E nogram. Depois tudo passou nos reforçamos os contatos hoje Gil aparece como parceiro.

CB - Não acha que está ocupando o lugar de um artista novo no Projeto Pixinguinha?

B - Penso que não. Acho que Projeto Pixinguinha tem que apresentar não só os novos como também o melhor da música. Coloca em cena artistas maravilhosos, como Cart Moreira da Silva, Clementina Jesus, Carmélia Alves, que esse ou aquele motivo estavam relegados a um plano secundário. Dá oportunidade para que se junte tendências da música e possibilita a formação de novas platéias para artistas novos como Vital Lima e Mar Barbosa, que estão comigo aqui em Brasília. Mas, acima de tudo, o Pixinguinha é importante, na medida que oferece espetáculos musicais de bom